



**Falará apenas uma língua e amará unicamente a uma pátria:
os coloninhos na Semana da Pátria de 1940 (Porto Alegre/RS)¹**

They will speak only one language and love only one homeland:
the colonists during Homeland Week in 1940 (Porto Alegre/RS)

Hablará una sola lengua y amará únicamente a una patria:
los coloninhos en la Semana de la Patria de 1940 (Porto Alegre/RS)

Claudemir de Quadros
Universidade Federal de Santa Maria (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-1204-0355>
<http://lattes.cnpq.br/9506136012570087>
claudemirdequadros@gmail.com

Resumo

Nesse texto, apresenta-se o documento intitulado *Os coloninhos 1940*. Trata-se de uma compilação de conferências radiofônicas organizadas para promover a mensagem oficial relacionada à nacionalização do ensino do Rio Grande do Sul. Além disso, tinham o objetivo de incentivar a população de Porto Alegre/RS a hospedar estudantes filhos de imigrantes que vinham do interior do Estado para participar das comemorações da Semana da Pátria. Propõe-se uma análise geral do documento, no âmbito da qual destaca-se que um dos objetivos principais das ações do governo era a nacionalização sentimental, com vistas a incitar que a próxima geração de descendentes de imigrantes falasse apenas uma língua e amasse unicamente a Pátria brasileira. As comemorações da Semana da Pátria se constituíam num esforço de integração em que o sistema escolar foi apropriado como uma tecnologia de aculturação e disciplinamento mediante a imposição do português e do patriotismo cívico.

Palavras-chave: História da Educação; Nacionalização do ensino; Coloninhos.

¹ Convém ler esse documento concomitante a Quadros (2023, 2024a, 2024b, 2025). Na transcrição do documento, preferiu-se manter a fonte original do texto.

Abstract

This paper presents the 1940 document entitled *Os coloninhos*, a compilation of radio broadcasts organized to promote the official agenda concerning the nationalization of education in Rio Grande do Sul. Additionally, these broadcasts aimed to encourage the population of Porto Alegre to host students – children of immigrants from the state's interior – who came to participate in the Semana da Pátria celebrations. A general analysis of the document is proposed, highlighting that a primary objective of these governmental initiatives was sentimental nationalization, designed to foster a future generation of immigrant descendants who would speak only one language and love solely the Brazilian homeland. The Semana da Pátria celebrations constituted an integrative effort in which the school system was co-opted as a technology of acculturation and discipline through the enforcement of the Portuguese language and civic patriotism.

Key-words: History of Education; Nationalization of education; Colonists.

Resumen

En este texto se presenta el documento titulado *Os coloninhos 1940*. Se trata de una recopilación de conferencias radiofónicas organizadas con el objetivo de difundir el mensaje oficial relacionado con la nacionalización de la enseñanza en Rio Grande do Sul. Además, tenían como objetivo animar a la población de Porto Alegre/RS a acoger a estudiantes hijos de inmigrantes que venían del interior de Estado para participar en las celebraciones de la Semana de la Patria. Se propone un análisis general del documento, en cuyo marco se destaca que uno de los principales objetivos de las acciones gubernamentales era la nacionalización sentimental, orientada a incitar a que la próxima generación de descendientes de inmigrantes hablara una sola lengua y amara únicamente a la Patria brasileña. Las conmemoraciones de la Semana de la Patria se constituían en un esfuerzo de integración en el cual el sistema escolar fue apropiado como una tecnología de aculturación y disciplinamiento, mediante la imposición del idioma portugués y del patriotismo cívico.

Palabras-clave: Historia de la Educación; Nacionalización de la enseñanza; Coloninhos.

Recebido: 08/04/2026

Aprovado: 04/09/2026

Introdução

A nacionalização do ensino foi um projeto estatal multifacetado, concebido para forjar uma identidade nacional brasileira, suprimindo culturas étnicas distintas e percebidas como ameaças à unidade nacional. Nesse processo, foi empregada uma estratégia que envolveu a inculcação de valores e repressão, no âmbito do que o sistema escolar foi transformado numa tecnologia de aculturação e disciplinamento, mediante a imposição do uso exclusivo da língua portuguesa e de um currículo centrado em práticas que insistiam na formação cívica e no patriotismo.

A nacionalização do ensino situa-se, em especial, no decorrer do Estado Novo (1937-1945), quando o governo assumiu de modo sistemático o controle sobre a rede escolar mediante decretos federais que impuseram a fiscalização de escolas, o fechamento de estabelecimentos comunitários, a substituição de professores estrangeiros e a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa. Foi nesse contexto de centralização política e de aproximação entre autoritarismo e nacionalismo que a Campanha de Nacionalização do Ensino assumiu contornos de política de Estado, articulada em nível nacional e implantada, com particularidades, em cada unidade da federação.

No Rio Grande do Sul, essa campanha foi marcada por especificidades em razão da expressiva presença de núcleos de colonização alemã e italiana, percebidos pelas autoridades como enclaves étnicos e culturais pouco integrados à nação brasileira. Sob a interventoria do coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, a administração estadual alinhou-se às diretrizes do governo federal e promoveu uma ampla reforma educacional voltada, tanto à normatização e ao controle da organização escolar, quanto à conversão da escola em instrumento de aculturação e disciplinamento cívico. É nesse quadro de articulação entre o projeto nacional de nacionalização do ensino e a sua implantação no Rio Grande do Sul que se inserem as comemorações da Semana da Pátria e a participação dos *coloninhos*.

Note-se que a designação *coloninhos* é freqüente na historiografia da nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul. Ela identifica, de modo recorrente, crianças e jovens, filhos e netos de imigrantes, deslocados de núcleos coloniais para participarem das comemorações cívicas em Porto Alegre, prática que se repetiu anualmente ao longo do Estado Novo.

Na seqüência, destaca-se um conjunto de referências à expressão *coloninhos*, com dois propósitos. Em primeiro lugar, evidenciar a recorrência e a capilaridade dessa prática na política de nacionalização, atestada por estudos sobre diferentes núcleos coloniais – germânicos e italianos –, distintas regiões do Rio Grande do Sul – Serra, Alto Taquari, Ijuí, Novo Hamburgo, Estrela, Panambi –, e diferentes tipos de fontes, de teses e dissertações a depoimentos orais e notícias de jornal. Em segundo lugar, situar a contribuição deste artigo em relação a essa historiografia: enquanto os estudos revisados costumam mencionar os *coloninhos* de modo tangencial, no âmbito de investigações voltadas a outros objetos, neste texto debruça-se e sobre o documento *Os coloninhos 1940*, produzido no contexto imediato da própria iniciativa governamental.

Dentre os estudos que citam a expressão *coloninhos*, destaca-se Gertz (1989). Este pressupõe que a política do governo estadual estruturava o Rio Grande do Sul entre aquele de velha cepa lusitano-açoriana-paulista e um outro, das regiões coloniais, que estava afastado e que precisava ser trazido ao seio da Nação. Uma das ações para enfrentar essa situação era providenciar a participação anual de *coloninhos* na Semana da Pátria em Porto Alegre, com vistas a integrarem-se ao verdadeiro Rio Grande do Sul e Brasil.

Bastos (1994), informa que havia o planejamento de ações educativas extra-escolares, as quais envolviam a comemoração das datas cívicas e “caravanas de coloninhos que o interventor trazia à Porto Alegre durante a semana da Pátria chamando-os de gauchinhos, hospedando sempre vinte no Palácio de Governo” (p. 53). Na mesma direção, Kreutz (2005; 2010), cita que

eram promovidas caravanas de *coloninhos* e que todo ano 500 deles ficavam hospedados por uma semana na capital do Estado para participarem das comemorações cívicas.

Segundo Torres (1999), o Departamento de Imprensa e Propaganda e a Liga de Defesa Nacional destacavam-se na organização das atividades da Semana da Pátria, considerada a data máxima do patriotismo cívico. Em 1940, a rádio Farroupilha teria

um papel fundamental na organização dos preparativos para a Semana da Pátria. Uma série de conferência pronunciadas através dos microfones da emissora, no programa *Hora da Pátria*, e reproduzidas em 1941, estava relacionada ao trabalho de nacionalização emocional dos 500 coloninhos, oriundos da região alemã e italiana, que viriam a Porto Alegre participar da semana cívica. (Torres, 1999, p. 93)

Peres (2000), afirma que as autoridades educacionais do Estado recrutavam crianças das regiões coloniais para exibi-los na Semana Pátria, com a finalidade de demonstrar o trabalho realizado pela escola primária: fazer da população, de imigrantes italianos e alemães, brasileiros de verdade.

Neumann (2003), ao abordar a Colônia Neu-Württemberg/Panamby e a campanha de nacionalização do ensino, afirma que a recepção aos *coloninhos* em Porto Alegre transcorria no melhor estilo: hospedagem no palácio do governo ou em residências de pessoas proeminentes, participação nas atividades cívicas, passeios em aviões da FAB, recebimento de lembranças.

Paula (2006), transcreveu uma notícia publicada no jornal *Correio Serrano*, de Ijuí/RS, datado de 16 de setembro de 1942, na qual é comentado o retorno de algumas crianças à cidade, após a sua participação na Semana da Pátria em Porto Alegre.

Pelo trem de tabela de sábado passado, regressaram da capital Gaúcha, onde a convite do General Cordeiro de Farias foram assistir as festividades da Semana da Pátria, os coloninhos ijuienses [...]. Para recepcionar os coloninhos, que vinham acompanhados do Fiscal de Ensino, Francisco Salles Guimarães, [...]. Os coloninhos voltaram da capital do Estado, onde foram acolhidos com a hospitalidade própria dos brasileiros, trazendo a melhor das impressões, contando, cada um, a odisséia da sua viagem e de tudo o que viram no decorrer daqueles memoráveis dias em que foram hóspedes do benemérito Governo do Rio Grande. (Correio Serrano, 1942, p. 5 apud Paula, 2006, p. 93)

Lorenz, Vechia e Ferreira (2008), referem que a Semana da Pátria servia para levar à Porto Alegre grupos de crianças das regiões coloniais, os chamados *coloninhos* que participavam dos festejos patrióticos: “Estas crianças eram hospedadas em casa de famílias [...] ou no Palácio do Governo. Eram bem tratadas e envoltas num clima de exaltação patriótica. Os festejos compreendiam desfiles com bandas de música, a entoação do Hino Nacional, o culto à Bandeira nacional” (p. 15). Luchese (2014), ao abordar a experiência na região da Serra, relatou que

integrar os coloninhos à cidadania brasileira, fazendo-os reconhecer a grandiosidade da pátria brasileira foi a grande motivação para as celebrações da Independência. [...] Para além da Semana da Pátria comemorada na capital, em todos os municípios da região [da Serra] havia grande mobilização em prol da data. As escolas isoladas reuniam suas crianças e desfilavam na sede de cada distrito, que tinha sua própria

comemoração. [...] Os alunos das escolas localizadas na zona urbana participavam das comemorações da Semana da Pátria apresentando teatros, declamando poesias e jograis, cantando e, no dia da Independência, participando do desfile cívico. (p. 220)

Kerber, Schemes e Prodanov (2012), referem Kreutz (2005) e destacam que os *coloninhos* participavam de atividades extraescolares, tais como as caravanas nacionalistas e Parada da Juventude Brasileira. Lemos (2012), aborda as caravanas dos *coloninhos* como exemplos da vinculação entre propaganda e violência na campanha de nacionalização do ensino.

Wanderer (2007), ao analisar discursos sobre a escola e a matemática escolar de um grupo de descendentes de alemães que freqüentavam uma escola rural no município de Estrela/RS, aborda narrativas de sete estudantes, sendo que um deles informou detalhes da viagem a Porto Alegre para participar das atividades da Semana da Pátria de 1940. Werle (2014, 2018), também fez a transcrição de depoimentos de estudantes que viajaram à Capital para as mesmas atividades.

Vechia e Lorenz (2016) afirmam que as atividades desenvolvidas no Rio Grande do Sul repercutiam em Curitiba, onde o jornal *Diário da Tarde* publicou que “a Semana da Pátria servia para levar à Porto Alegre centenas de crianças das regiões rurais, os chamados coloninhos ou gauchinhos que participavam dos festejos patrióticos” (p. 9).

Junges (2017), refere a expressão *coloninhos* ao afirmar que, pela campanha da nacionalização do ensino, estabeleceram-se tecnologias de controle da população pelas quais buscava-se “não excluir os imigrantes alemães e seus descendentes, mas integrá-los, seguindo as intencionalidades do governo” (p. 55) e que esse movimento envolvia a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa, as caravanas nacionalistas, a disseminação do culto à Pátria e a obrigatoriedade do ensino cívico.

Para Vieira (2021), nota-se a intenção de aculturar os *coloninhos* aos moldes brasileiros, pois existia o perigo da subversão. Por isso, era importante mostrar-lhes como o Brasil era grandioso e forte, bem como lhes cabia se inserir na sociedade e amar a Pátria.

Nesse contexto, o documento ora apresentado – *Os coloninhos 1940* –, destaca a participação desses estudantes nas comemorações da Semana da Pátria de 1940. O impresso, no formato brochura, se estrutura em 62 páginas, com capa e contra-capas, textos, imagens. Nas referências indicadas acima, esse documento costuma ser citado com autoria: LENZI, Branca Regina (org.). *Os coloninhos: Semana da Pátria, 1940*. Porto Alegre: Globo, 1940². É possível que esse formato de referência, com atribuição de autoria, tenha se inspirado pelo texto que consta na p. 3 do mesmo:

Com a autorização do Snr. Cel. Osvaldo Cordeiro de Farias, DD. Interventor Federal, este livro foi organizado pela professora Branca Regina Lenzi, e é a coletânea de conferências sobre os coloninhos que vieram participar do desfile da Juventude Brasileira.

O documento, oferecido ao líder da Nação, “Ao Grande Chefe Nacional – Dr. Getúlio Vargas – é dedicado este livro: Uma oferenda cívica do Rio Grande do Sul” (p. 5), abrange onze textos designados de “conferências sobre os coloninhos que vieram participar do desfile da Juventude Brasileira” (p. 3). Cada texto é ornamentado por uma pequena imagem no final: a bandeira do Brasil; um coqueiro; um maço de trigo; um livro aberto; um conjunto de pá e picareta; uma casa sombreada por uma árvore; um homem lavrando a terra. Como separador

² Optei por referir a publicação a partir dos dados que constam na sua capa: OS COLONINHOS 1940. Porto Alegre: Globo, 1940.

dos textos, há uma imagem de página inteira, acompanhada por um excerto de exaltação, tal como “Vinde, coloninhos, para dizer conosco: Viva o Brasil” (p. 31).

Os textos são de autoria de representantes do governo federal, estadual ou municipal de Porto Alegre: José Pereira Coelho de Souza, secretário estadual da Educação; Luis Cacciatori, representando o mesmo secretário; capitão De Paranhos Antunes, representando a 3.^a Região Militar; Salvador Bruno, em nome do prefeito de Porto Alegre; capitão Lauro Corrêa, presidente da Liga de Defesa Nacional; Monsenhor Nicolau Marx, Delegado Regional de Ensino; Dr. A. Santos Reis; Olga Acauan Gayer, Diretora Geral de Instrução Pública; Ney Brito, diretor da Seção Administrativa da Diretoria de Instrução Pública; Vicente Dutra, diretor da Caixa Econômica Federal e Branca Regina Lenzi, fiscal de nacionalização.

Uma das finalidades dessas conferências, transmitidas pela rádio Farroupilha entre os dias 21 e 30 de agosto de 1940, era mobilizar os moradores de Porto Alegre a receberem os escolares nas suas casas, uma vez que providenciar acomodação para 500 pessoas, durante uma semana, implicava em expressivos custos e logísticas para o governo estadual. Mas para além dessa finalidade de mobilização, elas são importantes pelo que transmitem de mensagem oficial relacionada a nacionalização do ensino.

Em termos gerais, a iniciativa do governo estadual é apresentada como um componente para forjar um espírito brasileiro unificado, ou de brasilidade, para contrabalançar influências estrangeiras. Ao inserir as crianças numa semana de celebrações patrióticas, buscava-se utilizar o afeto e a experiência direta como ferramentas para suscitar orgulho e lealdade à Nação.

A iniciativa foi concebida como uma forma de enfrentar o que era visto como a integração incompleta dessas comunidades no tecido nacional. Num dos textos, destaca-se o esforço para a “reintegração à comunidade de um pedaço da estrutura humana da Pátria, que havia sido posta à margem” (p. 17). Esta marginalização foi atribuída a ameaças externas que haviam se “infiltrado nas terras jovens aquém Atlântico” (p. 17); a persistência de costumes ancestrais, à língua e à inércia dos governos anteriores, responsabilizados por criar uma “mocidade arrasada e cética, descrente de si mesma e do país [...] corroída por um relativismo moral” (p. 12).

Por sua vez, o Estado Novo é retratado como um governo ativo³ que atinge a todos os setores da sociedade, seja nas fábricas, no fundo das minas e nas lavouras, considerando trabalhadores e colonos a “argamassa viva, forte e indestrutível com que está plasmando a História e o destino da Nação” (p. 61). Destaque-se o aspecto de liderança e de autoridade dedicado, tanto Getúlio Vargas, quanto ao interventor federal, coronel Osvaldo Cordeiro de Farias – que conta com uma fotografia de página inteira logo no início do documento –, uma vez que o projeto foi apresentado como uma iniciativa que partiu diretamente da liderança do país: “Pertencer a uma família é ter um chefe. E nós, mercê de Deus, o temos: Getúlio Vargas!” (p. 24).

As crianças são apresentadas como provenientes do interior do Rio Grande do Sul, destaca-se as suas origens étnicas como germânica ou italiana e são descritas como “mocidade loira” (p. 17). Geralmente lhes é atribuída uma origem humilde ou pobre, os discursos os retratam como isolados em termos geográficos e culturais e com uma compreensão limitada do Brasil além de seu entorno imediato: “Para eles, o Brasil vai até a linha do horizonte onde a vista alcança” (p. 28).

³ Dantas (1942), destaca a efetividade da Campanha de Nacionalização, alegando que o sistema educacional anterior falhara em valorizar o espírito cívico, sendo Getúlio Vargas o primeiro governante a dedicar atenção à nacionalização do ensino. A autora afirma que somente a partir do Estado Novo houve uma preocupação com a formação física, moral e cívica das crianças e jovens, incluindo a veneração aos heróis nacionais. O objetivo da nacionalização era promover a integração das novas gerações “no espírito de unidade, da comunhão e da segurança nacional” (p. 104). Além disso, a Campanha de Nacionalização é vista como algo essencial para o país, pois acredita-se que apenas por meio dela se poderia alcançar o “verdadeiro sentido da nossa civilização” (p. 100). Sobre Mercedes Dantas, uma das intelectuais do Estado Novo, ver Amaral (2019).

Um dos objetivos era inspirar um senso de identidade brasileira por meio da aprendizagem emocional e experiencial, em vez da mera repressão. A nacionalização sentimental é um conceito central para a metodologia do projeto, afinal a identidade nacional seria constituída “dentro das almas – pelo sentimento” (p. 18). No texto do Monsenhor Nicolau Marx consta que “o afeto é o melhor veículo das ideias de nacionalização e de verdadeira brasilidade” (p. 38).

Buscava-se, também, garantir que a próxima geração fosse inequivocamente brasileira e que “falará apenas uma língua – a nossa, amará unicamente a uma pátria – a nossa, integrada dentro de uma mesma tradição e de uma mesma história” (p. 19). N’outras palavras, as crianças eram vistas como impressionáveis e prontas para serem moldadas: “Alminhas ainda pouco trabalhadas, matéria esperando plástica a mão do modelador” (p. 24).

As comemorações da Semana da Pátria foram constituídas como um meio de integração e concebidas para serem uma demonstração de patriotismo, força e união, bem como uma experiência emocional que unisse os coloninhos à Nação. A semana foi planejada com inúmeras atividades: Fogo simbólico: chama trazida por atletas de Florianópolis para acender a pira no Campo da Redenção; desfiles: desfile militar no dia 7 de setembro, com a participação do Exército Nacional e suas reservas, além da Parada da Juventude Brasileira; eventos cívicos e culturais: coros orfeônicos, demonstrações atléticas e caravanas de automóveis; cerimônia religiosa: um solene *Te-Deum* na tarde de 7 de setembro. O secretário de Educação descreveu a semana como um momento em que “o nome do Brasil – brilhou na chama purificadora da Pira; drapejou em milhares de bandeiras; vibrou nas notas e nas palavras do Hino” (p. 9). Pretendia-se que os *coloninhos* testemunhassem uma “visão soberba do Brasil de hoje – colosso convicto de sua força, gigante intemerato que sabe o que quer e sabe para onde vai” (p. 23)⁴.

A rejeição ao passado vinha acompanhada por um novo significado de patriotismo: viver pela Nação. Os discursos articulam uma nova definição de dever cívico que vai além do sacrifício em tempos de guerra, abrangendo todos os aspectos da vida cotidiana: “Morrer pela Pátria é o dever das horas excepcionais; viver pela Pátria, e nunca da Pátria, é o dever de todas as horas” (p. 12). Esse novo patriotismo requer que “trabalhemos – pelo Brasil; estudemos – pelo Brasil; façamo-nos fortes e sadios – pelo Brasil; dignifiquemo-nos moralmente – pelo Brasil” (p. 11).

Nesse contexto, a hospitalidade foi uma parte central da nacionalização sentimental. Ao trazer uma criança para dentro de casa, uma família poderia “gerar nessas crianças a confiança de que fora da casa própria existe outra muito maior, que a todos abriga e protege com o mesmo carinho e o mesmo amor: a Pátria Brasileira” (p. 28).

A colaboração comunitária participou do sucesso do evento, o que demonstra uma ampla base de mobilização cívica. Na publicação constam agradecimentos às famílias patricias, Terceira Região Militar, Escola Preparatória de Cadetes, Brigada Militar do Estado, Rotary Club, Caixa Econômica Federal, Grande Oriente, Rádio Farroupilha, Ginásios Rosário, Bom Conselho, Anchieta, Júlio de Castilhos, Cruzeiro do Sul e Colégio Concórdia.

⁴ Segundo Beiser (1997), o secretário Coelho de Souza entusiasmava-se com a proeminência que os jovens do Rio Grande do Sul tinham nas paradas da Semana da Pátria em Porto Alegre: “A notícia de que o Rio Grande alcançou o primeiro lugar, pelo número, no Desfile da Juventude, de 7 de setembro, enche-me de júbilo e representa uma recompensa dos esforços e dos sacrifícios destes últimos anos. Abandonando a superfície, encarando esse fato de uma maneira mais profunda, do ângulo político-social, verifica-se que o Rio Grande, mais uma vez, cumpre o seu destino histórico. Mergulhando-se os olhos no nosso passado, verifica-se que o Rio-grandense nunca foi empolgado e agitado por ideais regionais: pelo contrário, ele sempre viveu e morreu com a face voltada para o Brasil. O sentido de todos os nossos movimentos políticos sempre foi brasileiro e a própria ação militar desses movimentos indica a intenção de atingir o centro do País para melhor servir” (Revista do Ensino, 1940, p. 330 apud Beiser, 1997, p. 45).

No Rio Grande do Sul, o discurso da nacionalização do ensino sustentou o aparelhamento do Estado para a execução de uma ampla, intensa e profunda reforma educacional. Essa reforma se inseriu num contexto de reorganização e racionalização dos serviços de instrução pública, no âmbito do qual a população e a educação emergiram como um problema de governo. Ao disponibilizar o documento *Os coloninhos 1940*, busca-se contribuir para com a compreensão desse importante acontecimento da História da Educação do Rio Grande do Sul, que impactou de modo intenso as políticas dedicadas à educação nesse Estado.

Referências

- AMARAL, Rosemeire dos Santos. *Mercedes Dantas e os discursos sobre a viagem pedagógica aos Estados do Norte/Brasil (1930)*. São Cristóvão: UFS, 2019. Disponível em https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12529/2/ROSEMEIRE_SANTOS_AMARAL.pdf. Acesso em: 4 dez. 2025.
- BASTOS, Mana Helena Câmara. *O novo e o nacional em revista: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)*. São Paulo: USP, 479f. (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/250237>. Acesso em 12 nov. 2025.
- BEISER, Ana Cristina Pires. *Educação e educadores em Porto Alegre: um estudo de caso*. Porto Alegre: PUCRS, 1997. 111f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- DANTAS, Mercedes. *A força nacionalizadora do Estado Novo: estudos contemporâneos*. Rio de Janeiro: DIP, 1942
- GERTZ, René Ernani. Preconceitos de sangue. *História: questões e debates*, Curitiba, v. 10, n. 18/19, 1989, p. 157-184
- JUNGES, Débora de Lima Velho. *Educação matemática e subjetivação em formas de vida da imigração alemã no Rio Grande do Sul no período da Campanha de Nacionalização*. São Leopoldo: Unisinos, 2017. 231f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- KERBER, Alessander; SCHEMES, Cláudia; PRODANOV, Cleber Cristiano. Memória das práticas educativas durante o primeiro governo Vargas na cidade de Novo Hamburgo – RS. *Rev. bras. hist. educ.*, Campinas, v. 12, n. 2, p. 139-170, 2012.
- KREUTZ, Lúcio. A nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n. 13, 2005, p. 65-90.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas no Brasil e a formação do estado nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945). *Poiésis*, Tubarão, v. 3, n. 5, p. 71-84, 2010. DOI: <https://doi.org/10.19177/prppge.v3e5201071-84>.
- LEMONS, Vanessa dos Santos. *Propaganda e coerção na política educacional do Estado Novo (1937-1945), em Pelotas/RS*. Pelotas: UFPel, 2012. 182f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas.

LORENZ, Karl M; VECHIA, Ariclê. A educação a serviço do Estado Novo no Brasil (1937-1945): políticas e práticas educativas. CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 11, 2016. Atas ... Porto: Universidade do Porto, 2016.

LORENZ, Karl M; VECHIA, Ariclê; FERREIRA, António G. A escola alemã versus as políticas educacionais nacionais na primeira metade do século XX: transformando imigrantes alemães em cidadãos brasileiros. ISCHE, 30, 2008. Anais ... Rutgers University/Newark: Ische, 2008. Disponível em https://digitalcommons.sacredheart.edu/ced_fac/4. Acesso em 10 nov. 2025.

LUCHESI, Terciane Ângela. Abrasileirar os coloninhos: histórias e memórias escolares na região colonial italiana do Rio Grande do Sul (1937-1945). In: QUADROS, Claudemir de (org.). *Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil*. Santa Maria: UFSM, 2014, p. 191-231.

NEUMANN, Rosane Marcia. *Quem nasce no Brasil é brasileiro ou traidor: as colônias germânicas e a Campanha de Nacionalização*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. 324f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

OS COLONINHOS 1940. Porto Alegre: Globo, 1940.

PAULA, José Fabiano de. *O que a escola começa, o exército continua: a campanha de nacionalização durante o Estado Novo nos núcleos coloniais teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Unijuí, 2006. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade de Ijuí.

PERES, Eliane Teresinha. *Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir: a escola como oficina da vida*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. 507f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais.

QUADROS, Claudemir de. Uma escola nova no Rio Grande do Sul: planejamento, sistematicidade, reforma e modernidade (1937-1945). *Textura - Ulbra*, v. 25, p. 559-581, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4322/2358-0801.2023.25.64.21>.

QUADROS, Claudemir de. Controle e normatização com vistas à excelência da organização escolar no Rio Grande do Sul (1937-1945). *Temas em Educação*, v.33, p.1-21, 2024a. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-7003.2024v33n1.66685>.

QUADROS, Claudemir de. Nacionalização do ensino e reforma educacional no Rio Grande do Sul (1937-1945). *Educação Por Escrito PUCRS*, v.15, p.1-11, 2024b. DOI: <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2024.1.44279>.

QUADROS, Claudemir de. Quem nasce no Brasil é brasileiro ou é traidor: nacionalização do ensino nos discursos do interventor federal cel. Oswaldo Cordeiro de Farias (Rio Grande do Sul - 1941). *Ridphe - R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, v. 11, p. e025003-60, 2025. DOI: https://doi.org/10.20888/ridphe_r.v11i00.20421.

TORRES, Andréa Sanhudo. *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

VIEIRA, Newton Colombo de Deus. Brasil e a segunda guerra mundial: demonstrações cívicas e nacionalização. *Journal of Law, Public Policies, and Human Sciences*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, 2021, p. 28-33. DOI: https://doi.org/10.52571/JLPPHS.2021.v02.n03_06_COLOMBO_pgs.28_33.pdf.

WANDERER, Fernanda. *Escola e matemática escolar: mecanismos de regulação sobre sujeitos escolares de uma localidade rural de colonização alemã do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. 228f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

WERLE, Bibiana. *A campanha de nacionalização e sua memória no Alto Taquari (RS)*. Porto Alegre: Ufrgs, 2014. 178f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

WERLE, Bibiana. *Com quantos passados se faz um presente? Por uma política da justa memória da imigração alemã no município de Estrela (RS)/1926-2018*. Florianópolis: Udesc, 2018. 263f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado de Santa Catarina.

Os

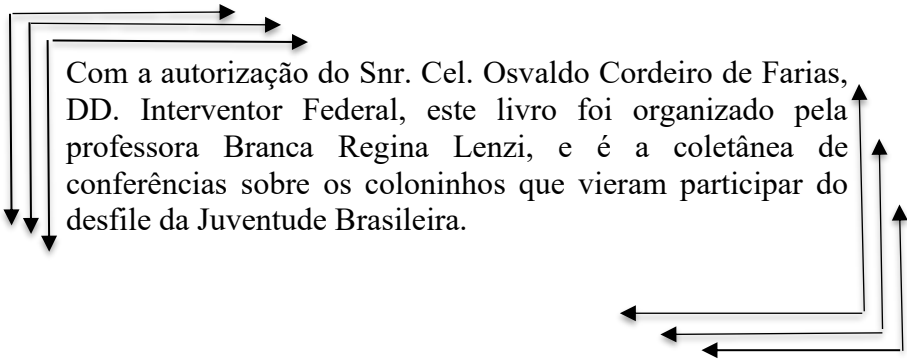
Coloninhos

1940

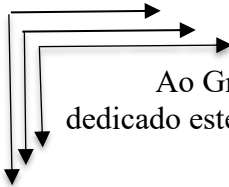
SEMANA DA PÁTRIA

1940

PORTO ALEGRE



Com a autorização do Snr. Cel. Osvaldo Cordeiro de Farias, DD. Interventor Federal, este livro foi organizado pela professora Branca Regina Lenzi, e é a coletânea de conferências sobre os coloninhos que vieram participar do desfile da Juventude Brasileira.



Ao Grande Chefe Nacional – Dr. Getulio Vargas – é
dedicado este livro: Uma oferenda cívica do Rio Grande do
Sul.



Deixemos registrado neste livro o interesse que despertou na sociedade portoalegrense a vinda dos coloninhos.

E a nobreza cívica do povo que sintoniza com o Governo nas iniciativas revigoradoras do sentimento de brasilidade.

Oriundos de núcleos agrícolas, os coloninhos foram recebidos e tratados com a simpatia e o carinho de que é pródiga a família gaúcha.

O êxito de que foi coroada a iniciativa do Snr. Cel. Interventor Federal, deve-se em grande parte a colaboração espontânea das seguintes entidades:

Famílias patricias

Terceira Região Militar

Escola Preparatória de Cadetes

Brigada Militar do Estado

Rotary Club

Caixa Econômica Federal

Grande Oriente

Rádio Farroupilha

Ginásios: Rosário, Bom Conselho, Anchieta, Júlio de Castilhos, Cruzeiro do Sul e Colégio Concórdia.



“.... crianças, entrem! a Casa é de vocês!

(Palavras com que o Snr. Cel. Interventor acolheu os escolares quando recebidos no Palácio.)

Por sete dias o nome do Brasil brilhou na chama purificadora da Pira

*Entusiástico discurso do dr. J. P.
Coelho de Souza, Secretário da
Educação, na “Hora da Pátria”.*



ALANDO na “Hora da Pátria” proferiu o dr. Coelho de Souza, Secretário da Educação, o seguinte discurso:

Por sete dias a Nação cultuou a Pátria.

Por sete dias o nome do Brasil – brilhou na chama purificadora da Pira; drapejou em milhares de bandeiras; vibrou nas notas e nas palavras do Hino; elevou-se na voz dos sinos e na prece de todos os templos; subiu do peito da Juventude; brilhou na espada dos soldados; afirmou-se nos desfiles galhardos, quando os brasileiros de todas as idades, de todas as classes sociais e de todos os graus de cultura, em magnífica unidade espiritual, marcharam ante o seu pavilhão.

“As lutas ásperas e anônimas pela ocupação da terra selvática e exuberante; os anseios dos homens novos, moldados ao influxo prodigioso do meio tropical e nascidos para viver num mundo também novo, cuja posse souberam disputar, tenaz e heroicamente, a cobiça de estranhos”; o fervor messiânico e o sacrifício dos mártires que primeiro sonharam a Nação forte e soberana – tudo isso a grande semana resume e simboliza.

Cresceu tanto a nossa homenagem, alargou-se tanto a nossa emoção, que, nesta última hora da semana votiva, quando a nossa vibração deve chegar ao paroxismo, nós já nos encontramos sem palavras e sentimos

“Que o pensamento ferve e é um turbilhão de lava:

“A forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve ...

Seja, pois, este momento, de recolhimento interior, de ternura e de encantamento desbordantes.

Voltados para nós mesmos, sentindo e vendo na dilatação do espírito, enxerguemos, agora, o Brasil inteiro.

Ante os nossos olhos deslumbrados – fulgure mais o sol do Norte e alveje mais as neves do Sul; cresça a majestade das nossas serranias e se tornem mais suaves as nossas planícies; da noite, sem igual, caia mais amorosa a benção luminosa do Cruzeiro.

Vejamos “claramente visto” o corpo espostejado de Felipe dos Santos; a alma resignada de Tiradentes; os justicados de 1817 e de todas as revoltas emancipadoras; os mortos da guerra da Independência – todos os lidadores da nossa libertação.

Na nossa exaltação – rompendo a fumaça das batalhas, como deuses de velhas teogonias avultem os nossos heróis e os nossos guerreiros – Marcílio Dias e Barroso; Andrade Neves e Caxias.

Na nossa inteligência – cantem com mais ritmo os versos dos nossos poetas; vibrem com mais harmonias as notas dos nossos músicos; alcancem-se a visão dos nossos estadistas, o gênio dos nossos sábios e o verbo dos nossos oradores.

Bilac, Carlos Comes, José Bonifácio, Santos Dumont, Rui Barbosa . . .

Junto de nós, nesta hora, estão eles, todos – forjadores de uma história, glorificadores de um povo, criadores de beleza, de verdade e de ciência.

Razão assistia a Pascal, quando julgava a sucessão dos homens, no curso da história, como um só homem que subsiste sempre:

Tudo – terra e homens, natureza e espírito – reunamos neste minuto de cristal, para forjar a palavra que, a custo, nos sai da garganta constrangida pela emoção – Pátria.

Mas o minuto de emoção passará e as horas incolores voltarão.

Não permitamos, então, que a elevação deste momento bruxoleie com o fogo da Pira e se desfaça com as últimas notas musicais e os últimos cantos no espaço. Não.

Nós que nos salvamos de nós mesmos; nós que nos libertamos do cepticismo e do negativismo e do calculismo engendrado em 50 anos de instrutivismo liberal – levemos daqui mais alta a nossa fé e mais resolutos os nossos propósitos.

Continuemos na vida comum o estado de espírito desta hora; animemos o “eterno quotidiano” de uma mística de ação; em uma concepção total de Pátria, em uma unidade expressiva, façamos, naturalmente, o Brasil o ponto de incidência de todos os nossos pensamentos e de todas as nossas atividades.

Com a serenidade grave e profunda dos corações fortes; trabalhemos – pelo Brasil; estudemos – pelo Brasil; façamo-nos fortes e sadios – pelo Brasil; dignifiquemo-nos moralmente – pelo Brasil.

É certo que, nestes últimos anos, temos procurado sinceramente servir ao Brasil; mas ele pede muito ainda de nós e nós devemos dar mais do que pede.

Fujamos por igual aos dois perigos extremos – a crítica sistemática e demolidora e alouvaminha lírica.

Demos à Pátria aquilo de que mais carece e que a poderá fazer grande: a Verdade.

Com espírito construtivo, apontemos as suas falhas, as suas deficiências, as suas precariedades; com espírito de justiça apontemos as suas possibilidades, as suas virtudes e as suas virtuosidades, reconheçamos a obra já realizada e louvemos os que, por ela, trabalham honestamente.

Mas, para que tenhamos autoridade, na crítica sadia e no louvor justo – demos tudo ao Brasil; trabalho, saúde, força, energia.

Que a nossa vida seja, mais ainda do que dantes, uma compenetração integral, um devotamento total, um sacrifício continuado e um ofertório perene.

Morrer pela Pátria é o dever das horas excepcionais; viver pela Pátria, e nunca da Pátria, é o dever de todas as horas.

Seja essa a nossa vida – indiferentes as murmurações dos maldizentes e as zombarias dos descrentes – expressões da mentalidade dissolvente e negativista que dominou o Brasil durante cinquenta anos e que nós extirparemos.

Desprezemos, sim, o ataque e o sorriso dos que não têm capacidade de recuperação espiritual e moral.

O futuro nos pertence e não havemos de perde-lo – por timidez e pelo respeito humano.

E, dever maior, voltemos todos, governantes e governados, homens de administração e homens das demais classes, em cooperação inteligente, para o maior de todos os nossos problemas: para a educação.

Não permitamos que sobre as novas gerações caiam, como castigo de Deus, esquecido, relegado pelo agnosticismo liberal, os males que caíram sobre a nossa mocidade, e dos quais mal nos libertamos.

Que o Brasil não veja mais uma mocidade arrasada e cética, descrente de si mesma e do país, ignorando a tradição e escarnecendo das Instituições; queixando-se de tudo e não se aparelhando

de nada, corroída por um relativismo moral – brincando, ridiculamente, “de fim de raça numa terra em que a raça ainda nem principiou”.

Não.

Sem vacilações, sem respeito humano, sem transações com o espírito negativista, orientemos as novas gerações no sentido da beleza moral da vida e do cumprimento do dever cívico: ao reconhecimento dos valores espirituais; a consagração total à Pátria; ao ideal da unidade brasileira; a disciplina da vontade; à vocação da ordem; à austeridade da conduta; a elegância das atitudes.

À nossa juventude, primavera sagrada em que há-de reflorir o Brasil, depois da fria época que atravessou – as melhores e as maiores das nossas atenções.

Tudo a ela, porque ela nos dará tudo.

Brasileiros do Rio Grande.

Assim sentindo esta hora e assim agindo, por força do propósito que levarmos desta hora, mostraremos que esta semana não foi um ato decorativo nem uma atitude sentimental.

Foi a exteriorização emocional de um estado de consciência e de uma norma de ação.

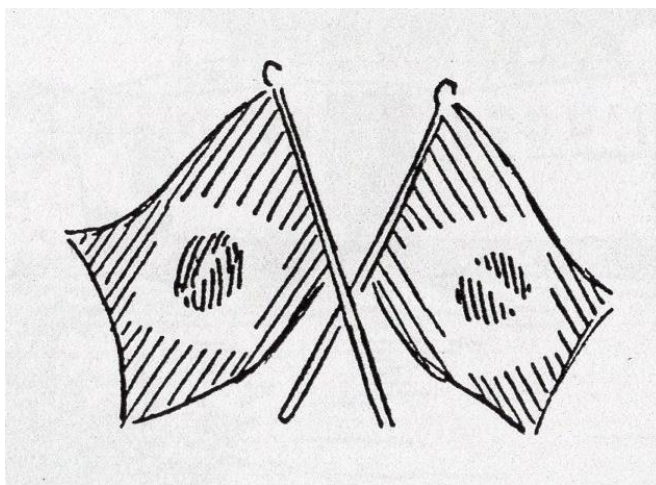
E assim poderemos, cada ano, neste instante, firmes e eretos, perfilados ante os símbolos da Pátria, dizer-lhe honestamente:

Viví mais um ano, por ti.

Lutei construtivamente mais um ano, por ti.

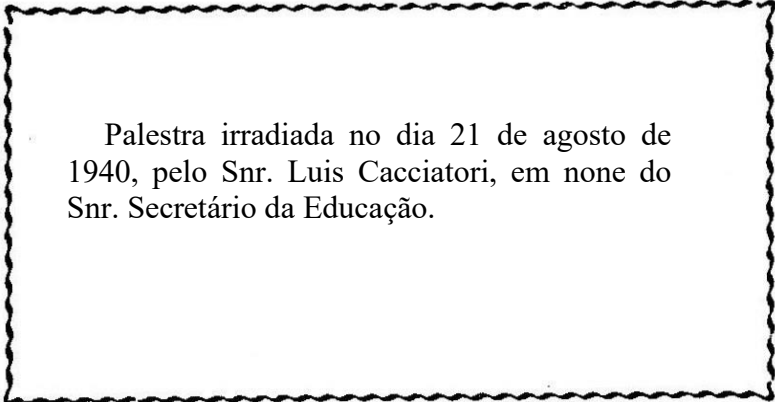
E por mais um ano procurarei ser digno da tua grandeza, da tua beleza e do sacrifício dos antepassados.

J. P. Coelho de Souza.





“... do colono, que deixou num porto qualquer o velho navio de imigrantes, para subir a serra e desbravar o mato ...”



Palestra irradiada no dia 21 de agosto de 1940, pelo Snr. Luis Cacciatori, em nome do Snr. Secretário da Educação.

Coloninhos



UANDO em, Setembro do ano passado a mocidade das escolas encheu de alegria e vibração cívica as ruas de Porto Alegre, detalhe sugestivo e de profundo significado, foi o desfile dos "coloninhos".

Assim, carinhosamente, "coloninhos", com chamou aos garotos das escolas rurais e de origem étnica germânica ou italiana, o afetuoso coração da nossa gente.

Assisti, entre comovido e pensativo, a passagem daquela mocidade loira. A minha comoção, vinha da alegria do espetáculo, da demonstração de carinho do homem da cidade ao filho do colono, que deixou num porto qualquer o velho navio de imigrantes, para subir a serra e desbravar o nato fixando-se na terra moça, rasgando-a na gloriosa tortura do arroteamento para as sementeiras.

A minha comoção vinha motivada pelo reintegroamento à comunidade de um pedaço da estrutura humana da Pátria, que havia sido posta à margem, pela permanência de costumes seculares, pela propaganda habil e malsã dos imperialismos coloridos, pela incúria e a inércia dos governos.

E quedei-me pensativo frente a essa extraordinária campanha de nacionalização em que se empenhou o Governo do Rio Grande por intermédio da Secretaria de Educação, campanha sincera pelos seus propósitos, decidida nos seus métodos e magnífica nos seus resultados.

Foi preciso redescobrir o Brasil.

Na incerteza da hora presente, em que do entrechoque sangrento das batalhas caminhos imprevisíveis se abrem para o mundo, pensou-se demoradamente na realização definitiva da unidade nacional.

O espírito europeu havia-se infiltrado nas terras jovens aquém Atlântico, encontrando campo propício nos núcleos de população, apegados pelo costume, pela tradição e pela língua à pátria de origem.

E quando veio a reação governamental através da ação policial repressiva e da ação educacional – curativa, já vinha ocorrendo a reação da terra.

O processo de fusão entre os diversos povos emigrados, caldeando-se em raça nova sob a sol ardente do trópico, já havia fixado o homem ao solo, envolvendo-o dentro de condições de vida inteiramente novas, e tornando-o assimilável, lenta mas inexoravelmente, ao organismo da nação.

A campanha de nacionalização pôde vencer, em pouco tempo, o pecado que vinha sendo cometido contra o Brasil, há dezenas de anos. Porque a unidade nacional, que desejávamos tivesse a estabilidade das montanhas, começou a ser feita dentro das almas – pelo sentimento.

Aquela geração de cabelos loiros como palhetas de ouro ao Sol, entre a juventude morena como a própria terra brasileira, desfilando frente à mesma bandeira e cantando o mesmo hino, demonstrava o espírito imortal do Brasil.

Eles, os “coloninhos”, aprenderam nos lares onde se haviam abrigado, nas festas a que assistiram, que não abrigamos o ódio ao estrangeiro, quando a seu coração é puro e o seu braço é forte, para ajudar-nos na obra sugestiva de construir grande e forte nação.

Agora, para os dias festivos de Setembro, novos “coloninhos” virão. Muitos lares, do lar do homem de governo ao lar do operário, se abrirão para recebê-los.

E neste momento, em que a gentileza dos Diretores da Rádio Farroupilha, proporciona esta palestra, início de uma série a qual emprestarão mais brilho figuras destacadas da cultura e da sociedade de P. Alegre, em nome do sr. Secretário da Educação, renovo o apêlo já feito no sentido de dar guarida e carinho aos coloninhos.

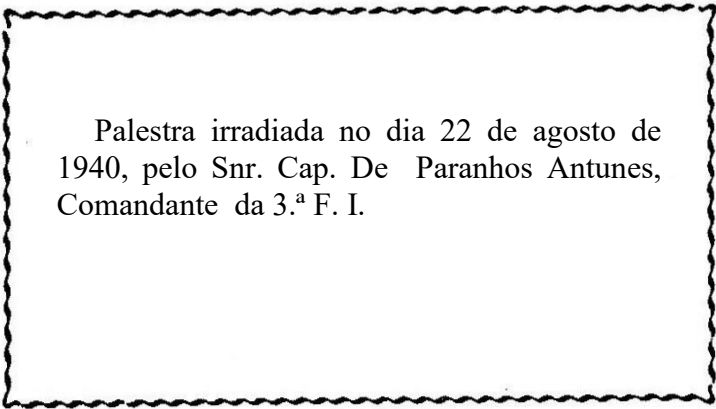
Essa nacionalização sentimental, é a mais duradoira e mais eficiente. Essa geração de cabelos loiros como palhetas de ouro sob o sol, falará apenas uma língua – a nossa, amará unicamente a uma pátria – a nossa, integrada dentro de uma mesma tradição e de uma mesma história.

Luiz Cacciatori.





“.... Nesta parada de brasilidade desfilarão os vanguardeiros da Pátria”.



Palestra irradiada no dia 22 de agosto de 1940, pelo Snr. Cap. De Paranhos Antunes, Comandante da 3.^a F. I.

Coloninhos



LES virão dos grotões das colônias, das serrarias distantes, dos confins do Rio Grande, para a feérie e do deslumbramento da Cidade Sorriso. Toda engalanada, durante os festejos da Semana da Pátria. Olhinhos deslumbrados, pelas suas retinas passarão, em desfile, as forças novas do Brasil Novo...

E Eles, os coloninhos do interior, terão então uma visão soberba do Brasil de hoje – colosso convicto de sua força, gigante intemerato que sabe o que quer e sabe para onde vai, união de cinquenta milhões de almas concientes de seus rumos, que há de construir os seus próprios caminhos.

Nesta parada de brasilidade, organizada pela Liga de Defesa Nacional, desfilarão, pelas ruas de Porto Alegre, os vanguardeiros da Pátria.

Atletas esbeltos, peitos arfantes, carregando troféus, dirão da robustez de nossa gente.

A Juventude Brasileira, alma vibrando, falará bem alto, das promessas do Porvir.

E a Exército Nacional e suas reservas, na voz marcial de seus clarins e tambores, reafirmará, a 7 de Setembro, a nossa confiança no presente.

No Parque da Redenção, uma Pira votiva, levantará para os céus, durante 7 dias, as chamas do nosso amor, os clarões de nossa fé, o calor de nossas afirmações, o incenso de nossa devoção.

Sentirão, nesse recanto da Pátria, que somos um povo que marcha, “e um povo que marcha é um povo destinado a comandar”, como já disse alguém...

Alminhas ainda pouco trabalhadas, matéria plástica esperando a mão do modelador, espíritos em formação, a vós, professores do Brasil, está confiada submissão da aperfeiçoá-los à imagem e semelhança de todo pátrio, integrando-os na unidade nacional, incorporando-os à grande família brasileira.

Porque é preciso despertar os brasileiros para a grandeza do Brasil, é necessário arrancar os filhos do colono e do caboclo ao indiferentismo e à ignorância, é indispensável por levar-lhes, com a cartilha do ABC, o catecismo de nossa religião e o breviário de nosso civismo.

Ser homem brasileiro é pertencer a grande família nacional. E essa família não é, não pode ser conglomerado de vontades que se entrechocam, um mosaico de doutrinas que se repelem. Pertencer a uma família é ter um chefe. E nós, mercê de Deus, o temos: Getúlio Vargas! Pertencer a uma família é comungar com Todo dos mesmos sentimentos, é ter o mesmo sangue, é ajoelhar-se entre os mesmos santos, é venerar os mesmos mortos, honrar as mesmas tradições, cultuar os mesmos heróis...

O bom nome de uma família está na disciplina e na moral, disciplina com que todos acatam as ordens do Chefe, moral com que todos pautam seus atos. Daí nasce a união e é ela que faz o feixe inquebrantável de uma nação.

Nossa pátria é bela, rica e grande, querido coloninhos. E com o nosso trabalho fraternal e conciente, este imenso lar brasileiro, será invencível, assombrará o mundo no porvir, e tornar-se-á temido e respeitado, quer queiram quer não queiram os nossos inimigos.

Crianças do Brasil, coloninhos da Serra, amai o Brasil, aprendei, desde cedo, a trabalhar para o Brasil, a defender o Brasil!

De Paranhos Antunes.



“....uma população imensa, debruçada sobre os campos fecundos
pelo esforço perseverante, constrói a riqueza comum”.

Palestra irradiada no dia 23 de agosto de 1940, pelo Snr. Salvador Bruno, em nome do Snr. Prefeito de Porto Alegre.

Coloninhos



ORTO ALEGRE tern padrões imperecíveis no seu patrimônio moral. A generosidade peculiar à sua gente já fez tradição, reverenciada como um culto. Mística poderosa, que se expande nos mais nobres atos, é exemplo edificante de solidariedade hurrana.

Desde os mais remotos tempos da sua formação, desde que os primeiros “casais” se aglomeraram à margem do Guaíba, vem-se definindo essa característica primacial do seu povo, prolongada através de dois séculos, cada vez mais forte e mais expressiva.

O progresso material acelerou o ritmo da sua evolução; definiu-lhe os contornos de grande metrópole, sem lhe conturbar o curso dos seus sentimentos. O fascínio das largas avenidas, o sugestivo dos arranha-céus, o tumulto ds suas atividades, onde milhares de almas, afanosamente, se agitam, na conquista humana do bem-estar, não lhes perturbaram o primitivo sentido da sua psicologia sentimental.

Porto Alegre moderna, ataviada de fina roupagem, tern os mesmos hábitos, simples e bons, dos colonizadores. E a metrópole se expandiu e se alargou, cresceu e se fez bela, e a centelha do amor ao próximo, cada vez mais viva, é a benção constante de Deus, onde a grande cidade dos nossos dias inspira suas ações e reflete sua fisionomia.

Temos consciencia dessa virtude e a proclamamos, num orgulho de quem, deste lado do mundo, contempla, estarecido seus irmãos do ocidente, destruindo-se, inexplicavelmente, no rodopio alucinado da guerra.

Vivemos a nossa vida de aglomeração americana, entregues ao trabalho, votados ao bem coletivo, sentindo a felicidade da paz, protegidos pela mesma bandeira que a todos une no mesmo sentimento de fraternidade, sem ódios nem ambições.

Pois Porto Alegre “das nobres tradições” vamos bater á tua porta. Desta vez é ao teu patriotismo, é ao teu devotamento à causa comum, ao teu entusiasmo pelas iniciativas magnânimas – quer elas dignifiquem o homem ou enobreçam a Pátria – que queremos falar.

Já foi lançado e teve eco o apelo da Secretaria de Educação para que os lares da metrópole se abram, confiantes e acolhedores, afim de receber os coloninhos, que virão participar da “Semana da Pátria”.

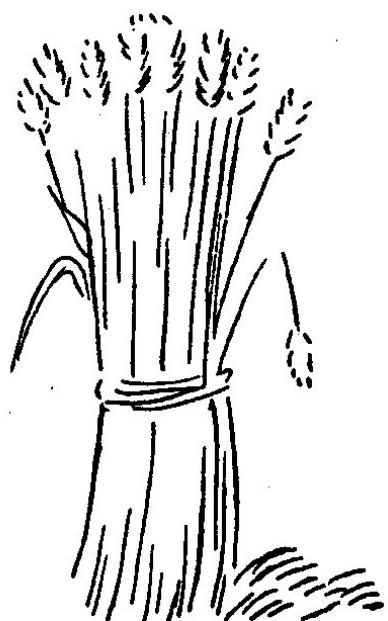
Devemos penetrar no profundo sentido civico desse gesto.

Distanciados de nós, nas mais longínquas zonas do Rio Grande, uma população imensa, debruçada sobre os campos fecundados pelo esforço perseverante, contrói a riqueza comum. Homens rústicos, de braços enrijecidos pelo sol e pelo trabalho, pulsa-lhes contudo, dēntro do peito, um coração de brasileiro. Ao seu derredor cresce a geração que um dia empunhará os mesmos arados e trilhará os mesmos campos. Pequenos brasileiros que ignoram a grandeza da própria Pátria. Para eles, o Brasil vai até a linha do horizonte onde a vista alcança. Não sabem que mais alem daquele ponto onde parece nascer o dia, estão seus irmãos, que falam a mesma língua, amam o mesmo solo e tem o mesmo destino.

Trazê-los para o convívio da cidade é alargar-lhes a imaginação, desvendar-lhes a verdade, incutir-lhes o “tonus” da nossa força, é cimentar nessas inteligências em formação o sentimento de unidade nacional. Trazer para o nosso lar, dar assento à nossa mesa ao coloninho que nos vem de tão longe, fazê-lo privar na nossa intimidade, é gerar nessas crianças a confiança de que fora da casa própria existe outra muito maior, que a todos abriga e protege com o mesmo carinho e o mesmo amor: a Pátria Brasileira.

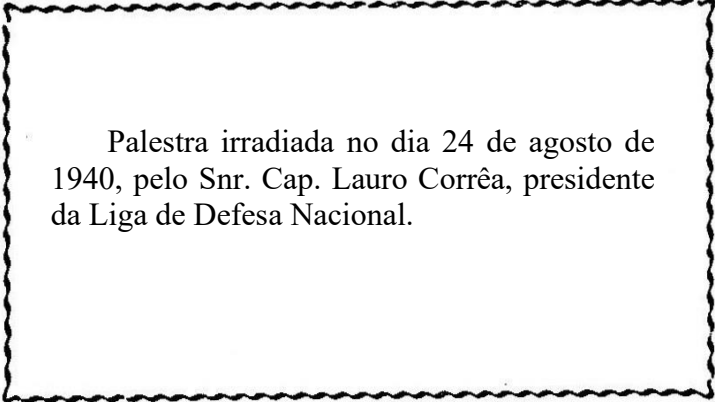
A Prefeitura Municipal abre-lhes as portas de cidade, de a par e par: que tenham, agora, os coloninhos lugar no coração e abrigo no lar do portoalegrense.

Salvador Bruno.





“.... Vinde, coloninhos, pra dizer conosco: Viva o Brasil”.



Palestra irradiada no dia 24 de agosto de 1940, pelo Snr. Cap. Lauro Corrêa, presidente da Liga de Defesa Nacional.

Coloninhos



OMO todos os anos acontece, este ano também vamos ter uma festa grande e bonita, em Porto Alegre. *É festa da Pátria!* Do dia 1.º até o dia 8 de Setembro, na lida capital gaucha, assistiremos vários festejos, que foram cuidadosamente programados, todos como homenagem à data gloriosa de 7 de Setembro, que relembra o dia de nossa emancipação de Portugal, há 118 anos.

Primeiro será o Fogo Simbólico, que virá este ano de Florianópolis, Capital de Santa Catarina, trazido por atletas, através da Serra e do Planalto, e que levará 7 dias, estrada afora, até chegar a 31 do corrente em Porto Alegre para com ele ser acessa a *grande pira votiva do Campo da Redenção*.

Depois, serão os cantos orfeônicos de vários colégios; *a parada da Juventude Brasileira*, no dia 4, que desfilará pelas ruas da cidade com milhares de crianças e moços; as caravanas de automóveis de todos os municípios do Rio Grande, que virão confraternizar conosco dos mesmos júbilos patrióticos; as demonstrações de atletismo, etc

Por fim, no dia 7 de Setembro – pela manhã, a grande e imponente parada militar, na qual tomarão parte o Exército Nacional e suas reservas, a Brigada Militar, os Tiros de Guerra... Alguns milhares de *soldados do Brasil, cruzarão as ruas de Porto Alegre*, sob o rufar dos tambores, o clangorar dos clarins e cornetas, as marchas festivas das bandas de música militares; – e de tarde, na *Hora da Pátria*, precisamente às 16 horas, *a grandiosa concentração de todos os brasileiros no Parque Farroupilha e um solene Te-Deum de regozijo público e patriótico*.

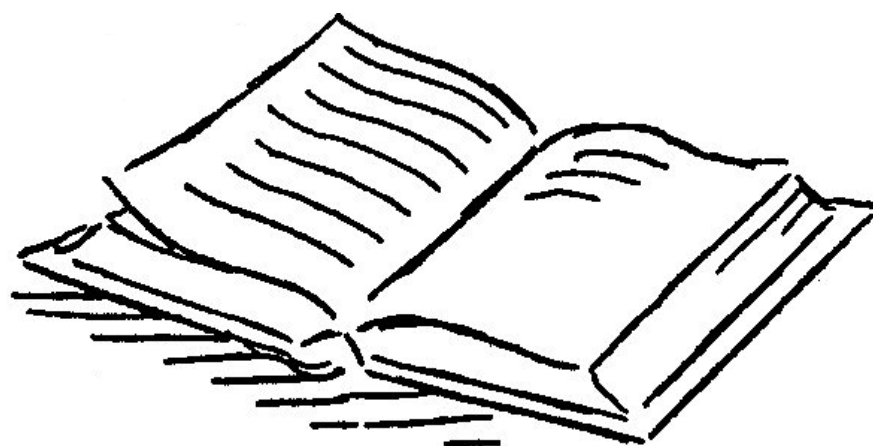
Queremos que os coloninhos da Serra venham assistir a essas festas para *comungar conosco da mesma vibração e ardor nacionalista!*

Queremos ver todos esses pequenos do interior, assistindo ao desfile de nossos soldados, à parada da Juventude Brasileira, para que sintam o orgulho de ser Brasileiros, e para que levem para os seus lares, no regresso, uma visão do Brasil de hoje, que desperta para os grandes dias do futuro, que quer trabalhar e produzir, que quer ser força conciente e construtora, e que há de ser o maior país do mundo, no conforto, na riqueza, no poderio de sua marinha e seu exército, na fortaleza de seus atletas, na robustez de sua Juventude, na potencialidade de sua indústria, na qualidade de seus produtos...

Vinde, coloninhos, assistir as festas da Semana da Pátria. Nós, que somos vossos irmãos, vos esperamos de braços abertos, toda a cidade vos espera e todos nós queremos vê-los aqui conosco, marchando conosco, cantando conosco o hino nacional brasileiro, sentindo conosco a alegria de ser brasileiro, de ter nascido nesta grande pátria, de poder olhar o porvir com desassombro e confiar nas gerações futuras de nossa terra...

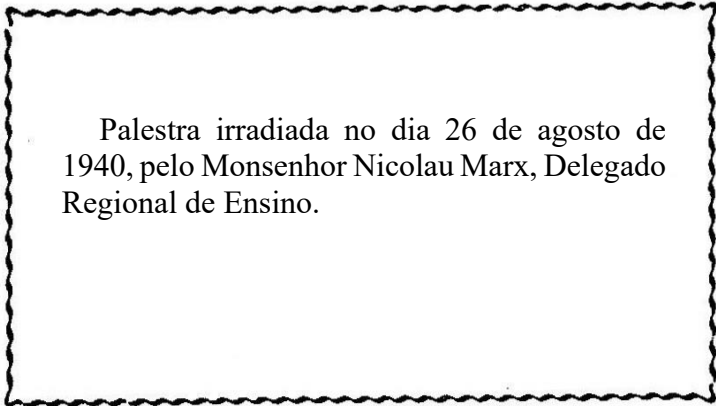
Vinde, coloninhos, para dizer conosco: Viva o Brasil!

Cap. Lauro Corrêa





“.... porque o afeto é o melhor veículo das idéias de nacionalização e de verdadeira brasilidade”.



Palestra irradiada no dia 26 de agosto de 1940, pelo Monsenhor Nicolau Marx, Delegado Regional de Ensino.



OS dias 30 e 31 de agosto, isto é, sexta-feira e sábado, dar-se-á a concentração dos “coloninhos” nesta capital, para os festejos da Semana da Pátria.

São 500 meninos que virão de todas as zonas coloniais do Estado, desde Santa Rosa, Passo Fundo, Erechim, Caxias, Alfredo Chaves, Santo Antônio, São Lourenço, Cruz Alta, Osório e outros municípios.

Não preciso dizer dos elevados objetivos de nacionalização desta concentração, iniciativa do Exmo. Sr. Coronel Cordeiro de Farias, Interventor Federal, que pessoalmente hospedará 15 coloninhos. É nacionalização eminentemente prática: estes rapazes virão conhecer e viver dias de exaltação patriótica entre nós; dela conservarão recordação indelevel, dela se farão eco, quando regressarem aos seus longínquos pagos.

Outros oradores, que me precederam nesta hora, nos últimos dias, disseram com eloquência da significação da concentração dos coloninhos.

Como chefe da subcomissão, á qual está afeta a organização da vinda e da hospedagem dos 500 meninos, quero dirigir um apelo ao povo de Porto Alegre, no sentido de todos considerarem hóspedes da cidade os coloninhos, concorrendo para pôr alegria, muita alegria, na sua permanência entre nós.

E aqui vai uma sugestão.

Muitos, quasi todos os meninos são de condição humilde, mais ou menos pobres. Deveriam voltar daqui carregados de presentes úteis, que lhes tornem maior a alegria de serem brasileiros e às suas famílias atestem do carinho da família brasileira.

Não poderiam aqueles que em seus lares não puderem oferecer hospedagem a um coloninho, não poderia o comércio concorrer com tais presentes?

Qualquer oferta deve ser encaminhada à 1.^a Delegacia Regional do Ensino, instalada no edifício do Grupo Escolar Paula Soares, rua General Auto. Atende nas horas de expediente, pelo telefone 9.1884.

E agora um apelo às famílias de todos os municípios donde partem os coloninhos, de todas as estações por onde transitarão: que tornem festivo o embarque dos meninos e a sua passagem, oferecendo-lhes doces, balas, refrescos, para amenizar-lhes a viagem e torná-la bem alegre.

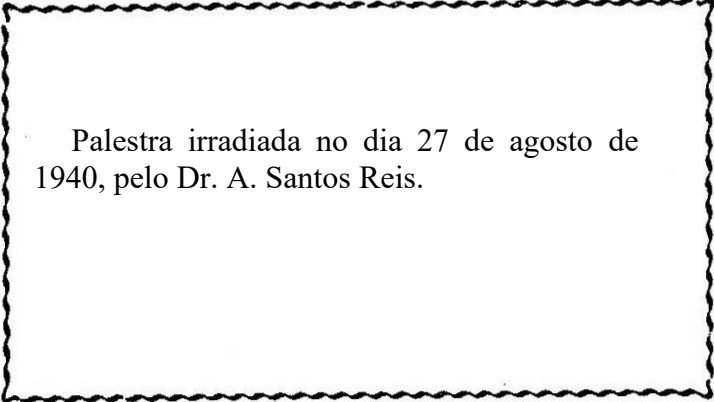
O apelo vai às famílias de Passo Fundo, de Erechim, de Cruz Alta, Carasinho, Santa Maria, Cachoeira, Bento Gonçalves, Farroupilha, Lageado, Estrela, Taquara, Pelotas, Osório, enfim, de todas as localidades que fornecerão turmas de coloninhos ou por onde os mesmos passarão.

Procuremos todos cercar estes meninos de carinho, encher-lhes a viagem de vinda e regresso e a permanência de muita alegria, porque o afeto é o melhor veículo das idéias de nacionalização e de verdadeira brasilidade.

Monsenhor Nicolau Marx.



“.... o Brasil gigante, desperta para o seu glorioso destino”.



Palestra irradiada no dia 27 de agosto de 1940, pelo Dr. A. Santos Reis.



ENTRO o de poucos dias, terão início, não só aqui em Porto Alegre, como no Estado e em todos os recantos do Brasil, os festejos comemorativos a Semana da Pátria.

Nunca, porém, como agora, tais comemorações se justificam e falam, tão eloquentemente, ao nosso civismo. E' que, si para tanto sempre existiram motivos, assaz numerosos, nesta oportunidade eles avultam em sua significação.

Realmente, sentimos que o decantado "gigante adormecido" abriu os olhos, estirou os braços possantes, num último espreguiçamento, ergueu-se, viril e forte como sempre foi, e lançou-se, resoluto e sem desfalecimento, com redobrada energia, à ingente tarefa das grandes realizações positivas.

– Dirigi o arado para o seio da terra fecunda e boa, abrindo sulcos profundos onde espalhou, pródiga e abundantemente, a semente generosa que lhe aumentou as searas, multiplicou as colheitas, fez crescer a produção, abarrotou os celeiros, numa demonstração eloquente e animadora da poderosa e variada capacidade de nossa riqueza agrícola.

– Rasgou, mais profundamente ainda, o seio fértil da terra, penetrou as suas entranhas, com as perfuradoras possantes, e foi buscar o ouro negro precioso que move as locomotivas, que faz vibrar as usinas gigantescas, que movimenta os teares, multiplicando, vertiginosamente, as unidades do nosso grande parque industrial.

– Pioneiro infatigável e devotado dos grandes ideais, quando o panorama do mundo se escurece com o fumo das grandes hecatombes, ainda é ele – "o gigante adormecido", mais que já despertou, quem abre escolas, quando outros abrem trincheiras; quem constrói estradas, quando outros edificam fortificações, integrado magnificamente no significativo lema de ORDEM E PROGRESSO, tão expressivamente perpetuado na sublime legenda de nossa sagrada bandeira.

Associemo-nos, pois, brasileiros, jubilosos e envaidecidos, aos festejos comemorativos da Semana da Pátria.

Felizes dos povos que encontram, verdadeiramente, motivos para comemorações dessa natureza. Felizes dos povos que, na convulsão ameaçadora em que se debate quasi todo o universo, característica da hora presente, ainda podem sentir, como nós sentimos, a quietude encantadora das nossas lindas noites tranquilas, sem o fantasma alucinante das explosões cheias de horror; felizes dos que ainda podem respirar o ar puro de nossos campos floridos, sem o fumo asfíxiante dos explosivos mortais; felizes dos que, voltando aos seus lares, após a jornada regular e produtiva de um dia de trabalho, não os encontram desmoronados, em escombros, tintos de sangue, enegrecidos de dôr.

Sobram-nos motivos, portanto, para festejarmos entusiasticamente, por patriotismo, por dever e até por gratidão, os sete dias do Brasil.

– Convidados, especialmente, pelo Governo do Estado, devem chegar a esta Capital, dentro de poucos dias, centenas de coloninhos, vindos de pontos os mais diversos e afastados, do interior. Veem eles participar das festividades da Semana Pátria. E a sociedade portoalegrense já se prepara para recebê-los efusivamente, reservando a todos, carinhosamente, um lugar nos seus lares, irmanando-os com os seus próprios filhos.

Há, sem dúvida, no singular acontecimento, significativa expressão. Nem tanto na demonstração, tão espontânea quão comovedora, de fidalgo acolhimento e tradicional solidariedade da família portoalegrense, como que simboliza, fielmente, Brasil Novo, chamado a si a tão promissoras, nas quais ele espera, voltando para elas e todo o seu amor.

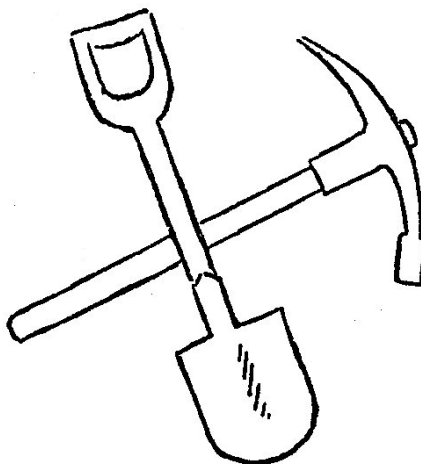
Vejam todos, na próxima semana, na infância e na juventude que passearão as ruas de Porto Alegre, um símbolo expressivo de nossa beleza, de nossa felicidade, de nossa grandeza,

infância e juventude que não são somente motivos justos de nosso orgulho, mas, também, poderosa razão de ser de nossa confiança no destino futuro do Brasil.

E preparemo-nos, desde já, para dedicar ao Brasil, nestes poucos sete dias, que são só seus, nossos mais calorosos aplausos e nossos mais entusiásticos louvores.

PORQUE O BRASIL AINDA E' A MAIOR PÁTRIA DE TODO O MUNDO.

Dr. A. Santos Reis.





“.... no coro uníssono de bênção à Terra sobre a qual todos nós nascemos”

Palestra irradiada no dia 28 de agosto de 1940, pela prof.^a Olga Acauan Gayer, Diretora Geral de Instrução Pública.



unidade nacional, elaborada na continuidade de uma coesão orgânica e moral que as gerações anteriores de brasileiros souberam realizar e preservar, não obstante, todos os fatores geográficos, políticos e econômicos que ameaçaram fragmentá-la, constitui o patrimônio magnífico dos quatro séculos de civilização em terras do Brasil. Essa unidade é qualquer coisa de substancial resultante da própria estrutura da sociedade brasileira, como historicamente se pode verificar.

No entanto, o processo de unificação nacional que supõe identidade de origens e de formação, comunhão de idéias e de sentimentos, de lembrança e de aspirações, é suscetível de ser desviado ou retardado, sob a pressão de causas interferentes de desintegração e diferenciação. No caso brasileiro avulta, entre elas, a afluência contínua de contingentes raciais diversos, portadores de tradições, línguas e costumes estranhos.

Intensa e inteligente há-de ser a atuação das forças sociais no sentido de diluir diferenças desintegradoras em uma unidade nacional cada vez mais larga. e mais profunda.

E' o que se pretende com a vinda de escolares descendentes próximos de estrangeiros a esta Capital, para participarem das festas cívicas da Semana da Pátria.

A multiplicação dos pontos de contacto com a nossa terra e a nossa gente, a noção da Pátria se amplia, aprofunda e precisa, e se dilata, robustece e vivifica o sentimento de amor à Pátria.

Na intimidade de lares genuinamente brasileiros, ao calor da afetividade característica da nossa gente, há-de surgir espontânea uma compreensão recíproca, propiciando a adesão consentida ao passado e aos destinos da nacionalidade.

Os elos afetivos que nos prendem ora à evocação de um lugar que aprendemos a benquerer, ora a recordações amáveis, ora a lembrança de um momento de exaltação cívica, marcam rumos ao coração.

A Semana da Pátria é um momento rico de experiências afetivas e patrióticas, que vamos oferecer às nossas crianças do interior. Na comunhão das vibrações cívicas, elas se sentirão arrebatadas pelos mesmos símbolos, herdeiras das mesmas glórias, irmanadas nos mesmos ideais.

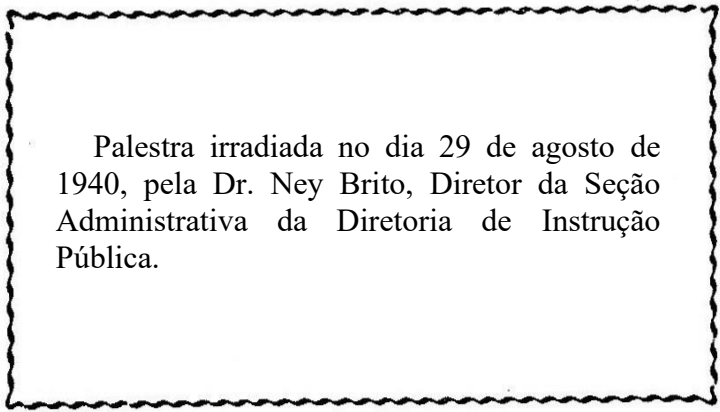
Nessa oportunidade feliz, nosso fervor patriótico convidará esses pequenos brasileiros a harmonizarem seus sentimentos com os nossos, no coro uníssono de bênção à Terra sobre à qual todos nós nascemos, de cujas tradições somos os continuadores na marcha, ascensional da Pátria brasileira, sob o impulso coeso e fraternal de todos os seus filhos.

Olga Acauan Gayer.





“Família gaúcha, das tuas mãos vai cair a sementeira que
viçará na grande árvore do entrelaçamento nacional”.



Palestra irradiada no dia 29 de agosto de 1940, pela Dr. Ney Brito, Diretor da Seção Administrativa da Diretoria de Instrução Pública.



UARDO nítida entre as recordações de minha primeira infância, a de uma parábola de sabor nazareno, na qual, ao se narrar os últimos instantes de um ancião, prestes a atingir o termo da existência, se conta, que em se despedindo dos filhos, os aconselhou a viverem unidos, por meio de uma alegoria em que um feixe de varas de per si frágeis, eram inquebráveis quando unidas, como que a ensinarem que a união faz a força.

Hoje, contemplando no panorama mundial o dilaceramento dos povos que se destroem porque não souberam ou não quiseram se unir, mais se acentua tal lembrança e como corolário ressalta a necessidade em que se encontra o povo brasileiro de ter cada vez mais incentivado o seu espírito de solidariedade.

A expressão povo, teoricamente se aplica, via de regra, a todo o agrupamento humano, mesmo de diferente étnia, que viva limitado por uma situação geográfica.

Não é de desejar que a idéia de povo brasileiro se confine neste conceito geral, que se mostra acanhado para comportar as concepções que o estado novo trouxe aos brasileiros acerca de sua capacidade, de seu valor e de suas possibilidades futuras, na marcha da evolução social.

Os espíritos de elite, usando as experiências do passado, pode antever as tendências do “processus” evolutivo e quicá dirigi-lo.

Para isso, porem, mister se toma um pleno conhecimento e uma absoluta identificação com a massa popular do país.

E' por isso que S. Excia. o S. Presidente da República se afasta dos comodismos palacianos e percorre a vastidão territorial do Brasil de Norte a Sul e agora se lança, qual ne-bandeirante da nacionalidade, rumo ao Oeste. Visita Goyaz e Mato Grosso e em breve atingirá o Acre, o Amazonas, e os demais estados longineiros.

E é por isso que S. Excia. o Sr. Cel. Interventor Federal corta as coxilhas do Rio Grande e lhe ascende às serranias.

E é por isso que a Secretaria da Educação envia seus emissários aos mais longínquos rincões desta plaga sagrada, quando não é o seu próprio titular quem os procura. PORQUE A ORIENTAÇÃO DAS AUTORIDADES BRASILEIRAS E' UNIFORME E ÚNICA.

Mas não basta que todos os governantes estejam irmanados por um mesmo ideal e se tenham traçado a mesma diretriz, é mister que todas as classes sociais bem o compreendam e para tanto devem conhecer-se afim de que se possam estimar, vindo a comungar com os governantes do mesmo ideal e auxiliando o poder público na obtenção de seu desideratum que então será um objetivo comum.

Trazendo a Potro Alegre 500 brasileirinhos, oriundos da zona colonial, e abrigando-os nos lares patrícos, o governo do Estado facilita a estas crianças um ambiente novo, desconhecido e altamente estimulante, dada a plasticidade da inteligência infantil, facilitando-lhe ao mesmo tempo a mais completa assistência social e pelo convívio com as famílias da metrópole, proporciona a estas últimas, pelo contacto diuturno e pelos laços afetivos que se desenvolvem com o coloninho hospedado, uma visão exata das condições de vida, da educação e formação mental e moral da criança que se desenvolve fora do hábitat citadino.

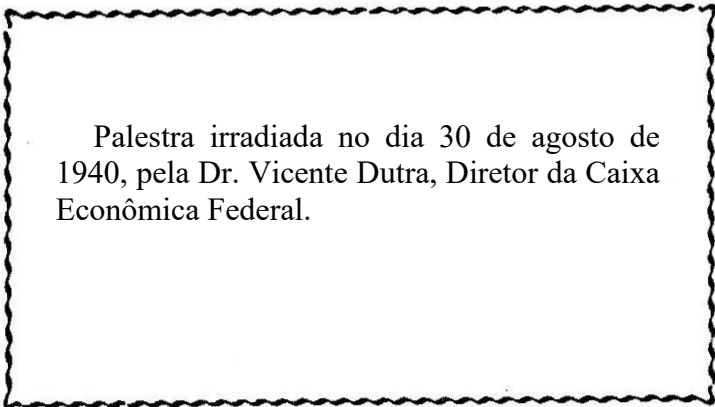
FAMILIA GAUCHA, foi a ti que a Secretaria da Educação se dirigiu em seu apelo de cooperação e tu bem a soubeste corresponder. Das tuas mãos vai cair a sementeira que viçará na grande árvore do entrelaçamento nacional.

Hosarias a ti, família gaucha, pela atitude patriótica, plena de solidariedade e de adesão á obra em que se encontra empenhado o Estado Novo de dar a conhecer o Brasil aos Brasileiros.

Dr. Ney Brito.



“Para êle, aquele petiz de dez anos, as linhas do Brasil corriam alí por perto, confundidas com as do Iraí....”



Palestra irradiada no dia 30 de agosto de 1940, pela Dr. Vicente Dutra, Diretor da Caixa Econômica Federal.



ARA assistirem às solenidades da Semana da Pátria, começam a chegar a Pôrto Alegre os primeiros coloninhos.

Não é mister reter a eminente significação desta panateneia da criança gaúcha, patrocinada pelo govêrno riograndense.

Afastando-se das cidades ou casalejos de sua residência, nesta feliz e proveitosa digressão, vem a petizada alacre conhecer a capital do seu Estado; e, no conchêgo amorável da família portoalegrense, sentindo a cada momento o amimalhar de suas patrícias, lograr dias venturosos e inesquecíveis.

Aos seus espíritos em formação se patenteará a realidade do nosso progresso, numa cidade moderna, organizada, onde o ritmo do trabalho e da ordem sobrelustra as melhores conquistas da nossa civilização.

E, ainda que ninguém lhes fale na gente brasileira, nos problemas a que mais devotam suas energias os homens que nos dirigem, a sua percepção se ampliará ao contacto de fatos tão evidentes.

E compreenderão que, para além, há mais Brasil; que se fala a mesma língua, se obedece às mesmas leis, se comunga os mesmos sentimentos cívicos; que na metrópole do país, na linda cidade à riba-mar, se exerce o poder da nação, enfeixado nas mãos do arminho de um homem que a gratidão pública jamais cessará de enaltecer e reverenciar.

Então, desobumbrados os horizontes perceptivos, num quase resplandência, entreverão ainda que o Brasil não é apenas o doce rincão da sua morada, mas é tudo isso que vêem, admiram ou pressentem.

Talvez presas inocentes e inermes de pregoeiros falsídicos, que por aí andam a farfalhar mistificações, hão de entrar a saber que os verdadeiros patriotas são aqueles que, sem estrondo, trabalham pela felicidade da Pátria, pelo seu engrandecimento e pela educação do povo.

Para ilustrar esta palestra, vem a lanço recontar um fato a que assistí, na função do meu cargo, quando prefeito de Iraí: visitava em companhia do Major Alberto Bins, então à testa da comuna portoalegrense, uma escola brasileira-alemã, sediada naquela longínqua cidade gaúcha. Queria mostrar-lhe que também ali se cultivavam com carinho as cousas do nosso país.

Recebidos atenciosamente, trotados os cumprimentos de estilo, entendeu o meu colega arguir os alunos sôbre assuntos da atualidade.

Perguntando a um colegial quem era o presidente da Alemanha, respondeu sem vacilar.

E o do Brasil?

O petiz embatucou. Outro, porém, levantando o dedinho, anunciou triunfante – o Dr. Vicente...

Essa escola recebia favores do Município, que a adscreviam a ministrar o ensino do vernáculo, e em português as demais disciplinas.

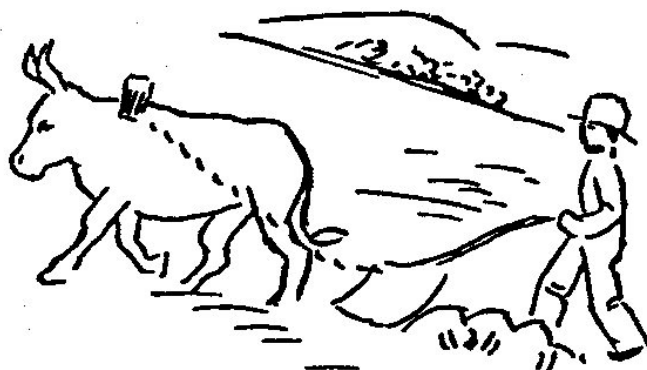
Para êle, aquele petiz de dez anos, as lindas do Brasil corriam alí por perto, confundidas com as de Iraí, e o seu obscuro prefeito o detentor de todo êsse imenso poderio...

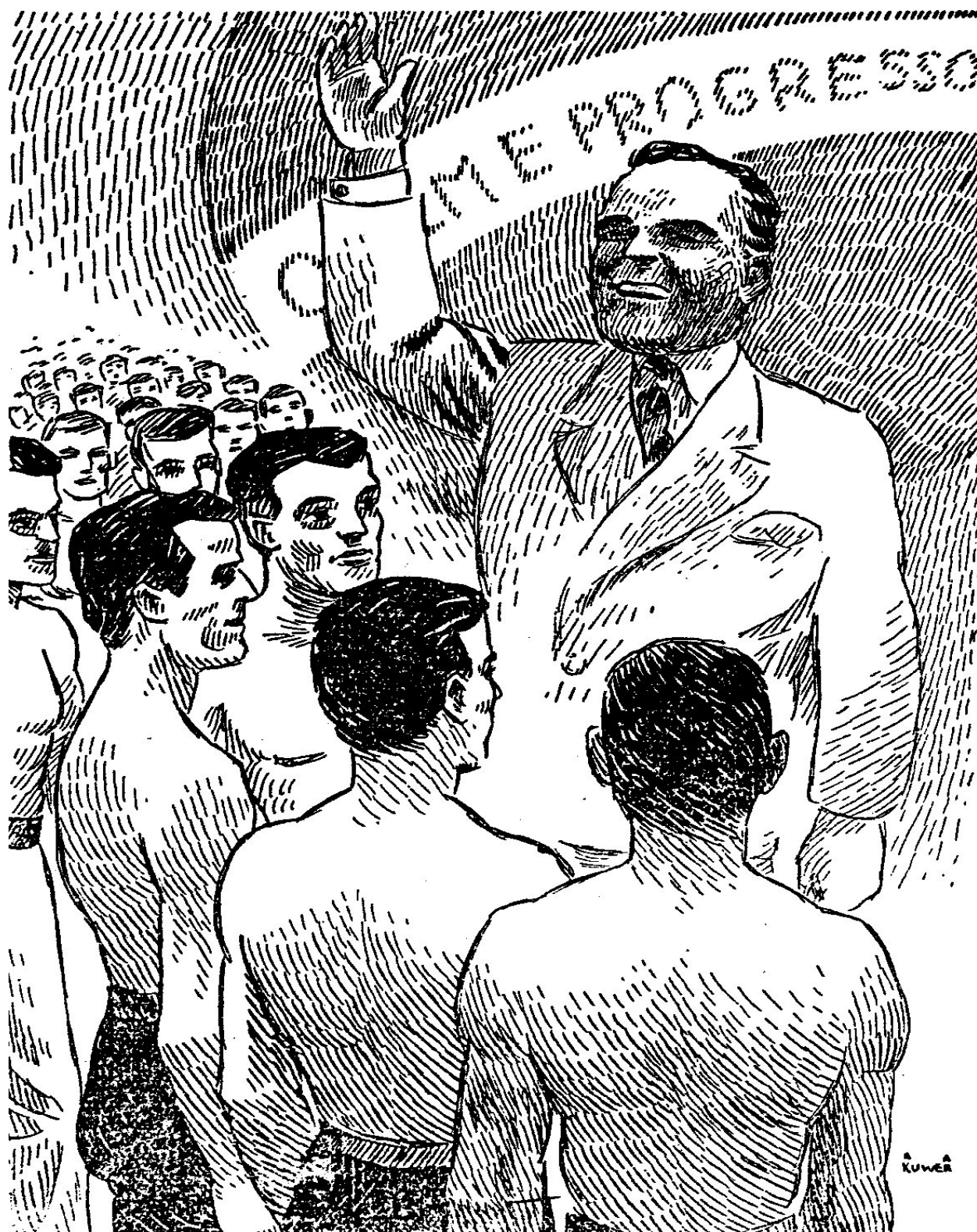
Patriótica, pois: permitam-me repetir, foi a iniciativa do govêrno riograndense, congregando em Pôrto-Alegre a criança das escolas do Estado.

E, quando elas, à tornada, forem relembando os dias fruídos no convívio da sociedade local, revivendo emoções e alegrias bendirão a oportunidade que se lhes asou tão agradáveis recôrdos.

Por davante, confiemos, em vez de uma mocidade descrida e mazorrenta, vê-la-emos os alvoroços vedetas do Brasil.

Dr. Vicente Dutra.





“O Chefe Nacional chamou para mais perto de si os operários e os colonos porque os considera a argamassa viva, forte e indestrutível com que está plasmando a História e o destino da Nação”.

Publicado no Jornal do Estado, dia 3 de
agosto de 1940, pela prof.^a Branca Regina
Lenzi, Fiscal de Nacionalização.

Os Coloninhos



Estado Novo, continuando esta esplêndida fase de realizações, vem fazendo pulsar num ritmo crescendo as diversas atividades nacionais em todos os setores da vida brasileira.

O Estado Novo não se imana unicamente com os homens de cultura ou com as cousas grandiosas!

O Estado Novo entra nas fábricas e senta-se à mesa do refeitório ao lado do operário cansado!

O Estado Novo desce ao fundo das minas e rasga a escuridão dos subterrâneos com o facho luminoso das leis trabalhistas que empunha nas mãos fortes!

O Estado Novo apeia-se nas lavouras, nos vinhedos, nos arrozais, nos trigais, em toda a parte onde a terra generosa e boa é trabalhada pela mão do homem.

O Estado Novo procura e quer a colaboração do operário e do colono!

O Chefe Nacional, congraçando as energias de todos os cidadãos em torno do seu formidável plano de unidade da Pátria, chamou para mais perto de si a esses trabalhadores porque os considera a argamassa viva, forte e indestrutível com que está plasmando a História e o destino da Nação.

Com esse mesmo espírito de brasilidade, o Snr. Cel. Cordeiro de Farias vem realizando no Rio Grande uma notável obra de reajustamento de valores, enaltecendo, premiando, valorizando.

Este ano, para assistirem os festejos da Semana da Pátria, autorizou o Snr. Interventor a vinda a esta capital de quinhentos coloninhos.

Esta iniciativa, em função de brasilidade, traduz o gesto afetoso de quem, tendo Fé no destino glorioso do Brasil, deseja fazê-la desabrochar no coração dos meninos de hoje, para ser cultivada pelos anos em fora.

Os coloninhos são escolares das regiões rurais, que não tiveram oportunidade de se afastar do meio em que vivem, e a quem dedicaremos a, nossa simpatia e carinho sob o calor da solidariedade nacional!

E estes meninos ao sentirem que o Brasil é grande! e belo! e rico! e poderoso! e bom! ficarão orgulhosos de terem nascido no Brasil!

E todo coloninho dirá:

– primeiro para si mesmo: eu sou brasileiro!

– depois, convicto, aos pais: como é bom ser brasileiro!

– e, num futuro próximo, aos filhos: orgulho-me de ser brasileiro.

Cada coloninho é a semente viva que fará palpar o solo gaúcho na ânsia incontida da germinação vitoriosa sob o calor do amor cívico.

Mostremos, agora, nós, as mãos gaúchas, que sabemos compreender o momento nacional e desejamos dar do nosso afeto todo o impulso generoso de que se faz mister para consolidar a nacionalização integral.

Que se abram as portas de cada lar, num gesto largo de compreensão e amor, para hospedar os coloninhos!

E assim, pela mão suave da Mulher, empreenderá cada coloninho a marcha promissora pela estrada luminosa do Porvir, que realizará no Brasil a pátria rica e indissolúvel pela vontade dos seus filhos e riqueza do seu solo.

Branca Regina Lenzi